
METRÓPOLE, COSMOPOLITISMO E MEDIAÇÃO

Gilberto Velho

Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil

Resumo: O texto examina algumas questões relacionadas à temática do cosmopolitismo metropolitano, focalizando trajetórias e subjetividades. Trata-se de refletir, a partir de autores clássicos como Simmel, sobre as discontinuidades entre culturas objetiva e subjetiva na sociedade moderno-contemporânea. Uma das preocupações centrais é identificar o trânsito entre múltiplos domínios e diferentes correntes de tradição cultural. Dá continuidade a trabalhos anteriores em que a complexidade e heterogeneidade socioculturais têm sido examinadas através de seus efeitos nas trajetórias de indivíduos e categorias. Dessa forma, procura-se repensar a própria noção de cosmopolitismo, contextualizando-o em termos históricos e culturais. Está em jogo o tema da mediação, que se manifesta na capacidade de transitar e, em situações específicas, do desempenho do papel de mediador entre distintos grupos, redes e códigos. O mediador, mesmo não sendo um autor no sentido convencional, é um intérprete e um reinventor da cultura. É um agente de mudança quando traz informações e transmite novos costumes, hábitos, bens e aspirações.

Palavras-chave: complexidade, cosmopolitismo, heterogeneidade, mediação.

Abstract: This article deals with questions concerning the relations between metropolitan life and cosmopolitanism. It mentions historical examples and examines contemporary situations, exploiting recent changes in world life. It also deals with the themes of social-cultural complexity, heterogeneity, mediation, multiculturalism and its implications for different life styles. One of its main concerns, focalizing especially urban life, is the general question of social interaction and sociability as a basic phenomenon for social and historical processes.

Keywords: complexity, cosmopolitanism, heterogeneity, mediation.

Já faz parte do senso comum identificar metrópole com cosmopolitismo. Isso tem consequências para análises científicas e, também, para políticas públicas em vários níveis. O cosmopolitismo se oporia ao localismo e a um,

quase pejorativo, provincianismo. A *cosmopolis* pode ser uma indicação de um mundo sem fronteiras, de características universalistas. Poder-se-ia, talvez, falar em um *ethos cosmopolita* com implicações diretas para a própria antropologia como disciplina e área de conhecimento. Há, assim, sugestões para a investigação de estilos de vida e visões de mundo em vários períodos da história. Sabemos, por exemplo, que cidades da Antiguidade como Roma, Constantinopla, Alexandria, entre outras, apresentavam características socio-culturais em que heterogeneidade e cosmopolitismo se associavam. Assim, historicamente, a circulação, o trânsito, a troca, a interação contribuem para a cosmopolitização. Por outro lado, o cosmopolitismo, no que toca à sociedade moderno-contemporânea, pelo menos desde o Romantismo, associa-se, sobretudo, a valores e perspectivas individualistas. Quem seriam e como se comportariam os indivíduos cosmopolitas, agentes e produtos de processos sócio-históricos mais amplos, alguns de *longue durée* e outros que parecem irromper no presente de modo súbito e avassalador? Até que ponto pode-se, por exemplo, associar o cosmopolitismo à dinâmica das correntes de tradição cultural, nos termos de Barth (1989), e à multietnicidade? É importante, também, examinar, segundo a preocupação de Simmel (1971), as relações entre culturas objetiva e subjetiva, quando lidamos com as diferenças entre um localismo, em princípio, autorreferido e o potencial universalista da experiência cosmopolita que não é igualmente distribuída pelos habitantes da metrópole. Nesta, heterogênea e complexa, uma das principais características é a coexistência de diversos mundos sociais e correntes culturais que expressam diferentes modos de relacionamento e interação com a realidade, assim como múltiplos pertencimentos e identidades simultâneas. Certamente, há mundos mais restritos e estáticos e outros mais abertos e dinâmicos.

No remoto ano de 1971 desenvolvi pesquisa exploratória com a população de origem açoriana na área metropolitana de Boston. Um dos aspectos mais fascinantes da investigação foi comparar as diferenças, sobretudo, geracionais entre as famílias dos imigrantes. Em várias situações tratava-se de avós, filhos e netos. Todos viviam numa área urbana das mais importantes dos Estados Unidos, com uma história e tradições marcantes. Estudos clássicos ali foram desenvolvidos como os de W. F. Whyte (1973) e de H. J. Gans (1969) que lidaram com a sua complexidade sociológica e heterogeneidade cultural. Creio que as minhas principais reflexões, a partir do que li e pesquisei, foram sobre os modos de *construção social* da realidade no universo pesquisado

que apresentavam significativas descontinuidades geracionais. Isso já tinha sido, certamente, o que me interessara em pesquisa anterior em Copacabana, focalizando trajetórias na cidade e na sociedade como um todo, observando semelhanças, contrastes e transformações de visões de mundo de camadas médias, não só as geracionais, embora estas fossem das mais importantes. Esquemáticamente era possível distinguir uma tendência de perpetuar uma escala de valores associada à localidade e bairros, mais colada a uma tradição, e outra voltada para a mudança e mobilidade. No entanto, essas se apresentavam, frequentemente, de forma complexa e contraditória. Foi a partir desses e outros trabalhos que explorei a noção de *campo de possibilidades*, integrando preocupações encontradas em Simmel (1971), Schutz (1970), Geertz (1973) e Bourdieu (1974), entre outros autores que contribuíram, de modos distintos, para essa área de reflexão.

Basicamente, trata-se do reconhecimento dos limites e fronteiras socio-culturais em que se movem categorias, grupos, agentes sociais e indivíduos-sujeitos, mesmo em sociedades em que não predominem valores individualistas. Assim, há várias dimensões importantes a serem observadas, entre as quais se destacam as relações sociais, propriamente ditas, como através da participação em *social networks* (redes sociais) e *significados compartilhados* numa esfera propriamente cultural. É fundamental estar ciente de que *relações sociais* e *significados compartilhados* remetem um ao outro e constituem fenômeno complexo que deve ser analisado multidimensionalmente.

Em princípio, supõe-se que a experiência cosmopolita amplie o universo de experiências e o acesso a visões de mundo diferenciadas. Quando e como esse cosmopolitismo se manifesta? Em que contextos e situações sociais é uma variável importante para compreender motivações e ações dos sujeitos, sejam indivíduos ou agentes coletivos? Obviamente, há vários tipos de cosmopolitismo que se diferenciam, histórica e culturalmente, em função de circunstâncias, posição, carreira e trajetórias sociais. Na pesquisa supracitada, um trabalhador originário de uma aldeia da ilha de São Miguel, em princípio, teria uma experiência bastante distinta de um estudante açoriano na Nova Inglaterra. Os jovens e adolescentes com quem conversei em 1971 evitavam falar português enquanto a maioria dos adultos apresentava fortes dificuldades com a língua inglesa. Parte da juventude de origem açoriana movia-se no âmbito da chamada contracultura da época, em vários casos com uso mais ou menos regular de drogas como marijuana e ácido lisérgico, interagindo e

relacionando-se, sobretudo, com seus colegas americanos, natos ou imigrantes, de escola e universidade (Velho, 1994). Havia, certamente, uma dimensão de experimentalismo nessas vivências cosmopolizantes. O cotidiano, o ritmo diário, as atividades e a sociabilidade diferenciadas implicavam significados não necessariamente compartilhados na mesma família e/ou grupo doméstico como no caso de uma jovem que utilizou LSD. Durante um período de tempo conviveu com seus familiares mais velhos, num chamado “estado alterado de consciência”, estabelecendo contrastes entre a percepção familiar com os significados atribuídos por seus colegas e companheiros de geração. Isso implicava, por exemplo, diferentes representações de tempo e espaço com implicações de ordem mais geral nos sistemas de classificação e organização da experiência em *províncias de significados* nos termos de Schutz (1970). Assim a viagem, o processo de migração, a inserção em uma nova sociedade e em uma grande cidade não se traduzem em um cosmopolitismo homogêneo que possa ser compreendido como uma variável simples e linear. Para falar em cosmopolitismo de uma maneira mais relevante é preciso, portanto, qualificá-lo. Encontrei, também, na cosmopolita Copacabana variados estilos de vida e *taste cultures* (Gans, 1975; Velho, 1973, 1999) que compunham um quadro sociocultural heterogêneo, complexo e dinâmico. De um lado, havia um segmento social em que circulavam pessoas de várias partes do mundo, da área dos negócios, do entretenimento, do meio artístico-cultural, entre outros. Suas referências eram claramente internacionais. Viajar pelo mundo era atividade rotineira e participavam de redes sociais intercontinentais. Falavam, pelo menos, mais de uma língua, quando não três ou quatro, do mesmo modo que elites sociais da cosmopolita Palmira, nos séculos II e III, que, segundo Paul Veyne (2009), falavam grego, latim e aramaico. De outro, encontravam-se indivíduos e famílias, oriundos de bairros mais afastados, de subúrbios, de cidades do interior e de outras regiões do Brasil. Esses, em sua maioria, seriam classificados como pessoas de subúrbio ou de província, embora caiba destacar também a presença de membros de elites regionais, com características socioculturais que as diferenciavam dos setores migrantes mais modestos. Poderiam ser empresários, políticos, funcionários públicos de nível mais elevado, lembrando que a cidade do Rio de Janeiro foi capital da república até 1960. Durante quase dois séculos a cidade foi o centro político, administrativo e cultural do Brasil, mais populoso e, até a ascensão de São Paulo, em meados do século XX, o principal polo econômico. Nessa condição era, por exemplo,

sede das representações diplomáticas e das principais reuniões internacionais. Ser cosmopolita, remetendo à dimensão dos indivíduos, daria a estes acessos a mais e diferentes códigos, culturas, estilos de vida, visões de mundo, etc. É importante insistir que isso pode ser obtido de várias maneiras. O comerciante que viaja pelo mundo, o aventureiro que transita por diversos continentes, o diplomata, os marujos são protótipos dos indivíduos que, em princípio, apresentam potencial para desenvolver uma perspectiva menos localista. Mas, por outro lado, a viagem não tem um efeito mágico que transforma os indivíduos, dissolvendo a sua socialização e anulando valores, crenças, preconceitos, gostos, anteriormente constituídos através de participação em sua cultura e meio de origem.

Está em jogo uma plasticidade sociocultural que se manifesta na capacidade de transitar e, em situações específicas, de desempenhar o papel de mediador entre distintos grupos e códigos. O cosmopolitismo pode ser interpretado como expressão desse fenômeno que não é apenas espacial-geográfico mas um potencial de desenvolver capacidade e/ou empatia de perceber e decifrar pontos de vista e perspectivas de categorias sociais, correntes culturais e de indivíduos específicos. Sem desprezar explicações de natureza psicológica, podendo até estabelecer pontes, nosso foco privilegia as trajetórias, histórias de vida e as relações entre as culturas objetiva e subjetiva. O escritor brasileiro Machado de Assis, por exemplo, sem sair do Rio de Janeiro (no máximo foi a Petrópolis), através de seu conhecimento da literatura e de sua capacidade de observação e reflexão, construiu um mundo de personagens e situações de uma humanidade complexa e variada. O que dizer do cosmopolitismo de Cícero, de Dante, de Camões, de Shakespeare, de Balzac, de Proust, de Borges, cada qual em sua época e circunstâncias? Está em jogo, permanentemente, a possibilidade de comunicação e de diálogo com diferentes tradições como a da literatura ocidental, portadora de significados e valores associados a uma memória sócio-histórica com características próprias. Será a *intelligentsia*, por definição, cosmopolita? Certamente é uma pergunta problemática, considerando formulações xenófobas e racistas emanadas, em períodos históricos recentes, de produção intelectual diversificada. Não há como ignorar um certo tipo de cosmopolitismo associado à confirmação de estereótipos, ao colonialismo e ao imperialismo. Ser intelectual não implica adesão a um universalismo liberal e/ou progressista e o cosmopolitismo não é uma virtude por si mesmo. Creio que vale a pena insistir mais na ideia de mediação como

fenômeno socioantropológico. O mediador, mesmo não sendo um autor no sentido convencional, é um intérprete e um reinventor da cultura. É um agente de mudança quando, através de seu cosmopolitismo objetivo e/ou subjetivo, traz, para o bem ou para o mal, informações e transmite novos costumes, hábitos, bens e aspirações. Isso pode ser feito, hoje em dia, por meio de velozes viagens internacionais ou mesmo diante do computador, através de acesso potencial a um repertório quase ilimitado de dados, notícias, informações em geral. Esse uso, é importante que fique claro, se dá de modo altamente desigual em função do “background”, capital cultural e trajetória dos usuários. Navegar na internet não fornece, automaticamente, um passaporte de cosmopolita. Outro ponto fundamental é retomar a ideia de multipertencimento. As pessoas têm uma experiência complexa, movem-se em múltiplos planos, articulam-se a redes diversificadas e suas identidades não são homogêneas nem se desenvolvem de modo unilinear. Assim, poderíamos dizer que não há cosmopolitas “puros”, e o lado doméstico, local, provinciano, autorreferido, endogâmico, reaparece ou está sempre presente em contextos e situações específicos. A aldeia dos ancestrais, o antigo bairro de origem, a casa paterna e suas memórias são exemplos conhecidos e frequentemente se constituem em importantes âncoras identitárias.

Outra questão que julgo instigante é relacionar o cosmopolitismo, não só com a noção de cultura subjetiva de Simmel (1971), já citada, mas também retomar a problemática de *Bildung* e aperfeiçoamento da filologia e da filosofia alemãs ligadas a autores como Herder, Humboldt, Nietzsche, entre outros. Certamente a obra de Simmel tem relações com essa tradição de pensamento, repleta de polêmicas, linhagens e vertentes. Podemos perguntar: a experiência do cosmopolitismo contribui para o aperfeiçoamento e desenvolvimento de potencialidades individuais, sociais e culturais? Como comparar diferentes culturas ou *streams of cultural tradition* nesses termos? Até que ponto as noções de *Bildung* e *self-cultivation* são expressão de um humanismo universalista de inspiração ocidental? Ou se é possível utilizá-las em uma linha de reflexão antropológica, sustentada na noção de relativismo cultural? Ao assumir a problemática da diversidade, do pluralismo sociocultural, do hibridismo, entre outras vertentes em que são enfatizados os valores da diferença, como lidar com a herança clássica do humanismo letrado universalista, frequentemente associado a concepções hierárquicas de cultura? O desenvolvimento das potencialidades individuais, dentro dessa tradição, apontaria para uma

utopia social em que a(s) sociedade(s) como um todo seria(m) composta(s) por indivíduos plenamente desenvolvidos e realizados nas suas competências e capacidades. Este tem sido um dos dilemas fundamentais do humanismo contemporâneo. Como lidar, de um lado com a multiplicidade de culturas e suas relações com a natureza e, de outro, com a fragmentação, desigualdades e conflitos da sociedade moderno-contemporânea, particularmente na metrópole. É bom lembrar, como ilustração, entre os vários cosmopolitismos políticos, econômicos e culturais com que convivemos, a existência da criminalidade e das máfias internacionais, organizadas em redes complexas e eficientes. O cosmopolitismo não é, portanto, um sinônimo de *aristocracia espiritual*, nem de refinamento sociocultural. Pode ser um instrumento, um modo de vida que possibilite estratégias de acúmulo de recursos materiais e imateriais, incluindo-se prestígio e poder. Nas suas diversas vertentes pode associar-se a estilos de vida que demarquem fronteiras de *status*, mas pode ser também um difusor de informações e de ideias que contribuam para formas de intercâmbio mais democratizantes, estabelecendo novas pontes entre distintos níveis de cultura. Por outro lado, o cosmopolita pode ser um poliglota, sem deixar de ser etnocêntrico, enquanto aferrar-se a visões de mundo pouco aptas a lidar com o novo, o transnacional e o diferente. Num sentido negativo o estilo de vida cosmopolita pode ser encarado como superficial, sem raízes e desligado das bases mais profundas regionais e/ou nacionais. O internacionalismo e o universalismo, em vez de meritórios, podem ser indícios ou sintomas de descompromisso com o mundo doméstico familiar, soando como “inautêntico” em oposição à “autenticidade” das vivências locais e das experiências contínuas de convívio de longo prazo, de relações estreitas e densas. Como já foi mencionado, são mais do que conhecidas e, muitas vezes, tragicamente vivenciadas, as percepções do estrangeiro e do “mundo exterior” como ameaça física e simbólica. As barreiras, os preconceitos e a agressividade manifestam-se de formas as mais variadas.

Em última análise, diante de tantas possibilidades e controvérsias, busco sublinhar o potencial de diálogo da experiência cosmopolita, seja no nível da cultura objetiva e nas relações materiais, seja nas relações entre diferentes sujeitos negociando a realidade e construindo-a em um processo ininterrupto. Nesse sentido a ampliação de redes de relações e a multiplicação de interações poderia significar um enriquecimento, sobretudo em termos de uma valorização individual e da cultura subjetiva, a partir de uma intensificação e

aprofundamento da experiência de pertencer e participar de uma coletividade maior reavaliada e socialmente renovada, diante das ameaças, violência e riscos do mundo contemporâneo. Esse humanismo multicultural e multiétnico corresponde à recuperação da ideia de cosmopolitismo, de raízes antigas, que encontraria na metrópole as melhores possibilidades de expressão, através de políticas públicas que implementassem e fortalecessem os espaços e instâncias de diálogo democrático. A antropologia, com altos e baixos inevitáveis, tem uma contribuição fundamental através da noção de cultura, com suas revisões e reinterpretações, para analisar as várias faces e contradições do cosmopolitismo. A imprecisa e, às vezes, superenfaticada globalização adiciona elementos interessantes para analisar as dimensões social e individual do cosmopolitismo em suas mudanças e reações que provoca. Por outro lado, a mediação é um fenômeno fundamental não só ao estabelecer pontes entre diferentes, mas ao reinventar códigos, redes de significados e relações sociais, importante para a expansão e desenvolvimento de uma nova e mais complexa concepção de cidadania. Há vários estilos de mediação, desde agentes ativos que participam diretamente de movimentos e mobilizações político-sociais até intelectuais, cientistas, autores e artistas que, através de suas pesquisas e reflexões, contribuem para a ampliação de horizontes e renovação dos modos de comunicação e de diálogo. Essas formas podem se combinar e complementar embora, frequentemente, haja choque e conflito. Por outro lado, persistem resistências, preconceitos e bloqueios encontrados não só em grupos e categorias sociais específicas mas que estão presentes, nas próprias trajetórias e experiências de indivíduos singulares, complexos e contraditórios.

Assim, ao celebrar o possível *ethos cosmopolita* da antropologia, é importante manter-se atento à famosa tirania das circunstâncias, que impõe limites a todos nós.

Referências

BARTH, F. The analysis of culture in complex societies. *Ethos*, v. 54, n. 3-6, p. 120-142, 1989.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GANS, H. J. *Urban villagers: group and class in the life of Italian-Americans*. New York: The Free Press, 1969.

GANS, H. J. *Popular culture and high culture: an analysis and evaluation of taste*. New York Basic Books, 1975.

GEERTZ, C. *The interpretation of cultures*. New York: Basic Books, 1973.

SCHUTZ, A. *Alfred Schutz on phenomenology and social relations*. Chicago, The University of Chicago Press, 1970.

SIMMEL, G. *On individuality and social forms*. Ed. Donald Levine. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.

VELHO, G. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

VELHO, G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VELHO, G. Os mundos de Copacabana. In: VELHO, G. (Org.). *Antropologia urbana – cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 11-23.

VEYNE, P. Palmira e Zenóbia entre o Oriente, a Grécia e Roma. In: VEYNE, P. *O Império Greco-Romano*. Rio de Janeiro: Campus, 2009. p. 128-179.

WHYTE, W. F. *Street corner society: the social structure of an italian slum*. Chicago: The University of Chicago Press, 1973.

Recebido em: 20/10/2009

Aprovado em: 26/03/2010